

## COMUNICADO DE IMPRENSA // GALERIA CAROLINE PAGÈS



Conceição Abreu, *Casulo de Linho*, 2012, Fios de linho e fios de cânhamo, 75 x 35 x 35 cm

### Conceição Abreu

#### *Entretempos*

**Inaugura Sexta-feira, 25 de Janeiro às 22h**

25 de Janeiro – 23 de Março, 2013

#### Galeria Caroline Pagès

Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.

[Campo de Ourique]

1350-315 Lisboa, Portugal

T [+351] 21 387 33 76

M [+351] 91 679 56 97

gallery@carolinepages.com

www.carolinepages.com

Horário: Aberto das 15h às 20h, excepto Domingos, e por marcação

#### **Genitálias: desenhos de Conceição Abreu**

Como no mito grego de Penélope, Conceição Abreu tem vindo a tecer *malhas, ninhos, vestidos, cachecóis, redes, teias* e, como Penélope, também neste tecer parece haver um adiar que se constrói como produção \_ Penélope tecia de dia e desmanchava de noite o *sudário para Laerte* (pai de Ulisses), assim evitando aceitar o desaparecimento do seu noivo Ulisses. Como se tem afirmado na genealogia da sua obra (a propósito das *malhas cromáticas* 2003, dos *bordados* 2006, dos *ninhos* de elástico 2007, dos vestidos *abrigos*, dos *atrilhos* 2008, das *meadas* 2009 e dos *puxos* 2010), a obra de Abreu é identificada como *sensual* (novelos sensuais<sup>1</sup>), constituída por *imagens indissociáveis do seu fazer*

<sup>1</sup> RUIVO, Ana, in Expresso nº 1588, Actual suplemento, p.35-37, 5 Abril, 2003.

laborioso, (de) gestos repetidos e minuciosos<sup>2</sup>, femininos (que evocam as tarefas femininas de outros tempos<sup>3</sup>) e intimistas (vindos de uma intimidade que comunica<sup>4</sup>) mas privativa (preservando a sua discreta privacidade<sup>5</sup>), ainda que com o propósito social de construir sentidos através de desenhos (...quase) objectuais<sup>6</sup>, inexoravelmente remetidos para o corpo das suas memórias (um trabalho que traz consigo a memória do corpo que o fez<sup>7</sup>).

Na entrevista conduzida por Luís Pinheiro<sup>8</sup>, a autora conota os seus vestidos rendilhados de tricot com *gaiolas* e *abrigo*s, reforçando a mesma dicotomia entre aquilo que protege e simultaneamente inibe. As produções de Conceição Abreu são coisas em si, literarizadas, desvinculadas da sua primitiva origem existencial para se constituírem como metáforas de mediação entre o privado e o colectivo, entre o indivíduo e a sociedade, como linguagem.

No texto que acompanhou a exibição das suas obras mais recentes em Guimarães capital europeia da cultura ("Desenhos Tácteis"), Conceição Abreu escreve: *lançar, tecer, fazer, repetir, continuar, mover, (...) desenhar, construir*, como processo de *ser* e, consequentemente, propondo o trabalho artístico como condição de vida, ou como processo de habitar. Desenhar e tecer vêm aqui identificados como semelhantes, *partindo ambos de uma postura de concentração*, que *conjugam, no gesto, o corpo e o espírito*. No contínuo movimento de *cadência embalada e ritmada* deste fazer, *nascem as linhas com que se edificam as construções*<sup>9</sup>.

Para que fazem os artistas a Arte é um enigma. Fazem-na porque não a podem evitar. Porque o próprio processo da Arte os ultrapassa sem compaixão, como a eternidade (Badiou<sup>10</sup>). Fazem-na para que a beleza apareça, ou simplesmente para resistir à morte. Na impossibilidade de superar a morte, a arte constitui uma barreira colectivamente construída ao nada (Flusser<sup>11</sup>). Um esforço de aproximação à *felicidade* (estado de espírito das grávidas, ou daqueles que esperam o novo). Mesmo na arte de intervenção censora (e talvez sobretudo nessa), a arte é manifestação de esperança. Uma forma de construir para adiar a construção, ou de morrer para adiar a morte.

Nesta obra a divergência entre *diferença* (inadaptação) e *repetição* (aptidão) está pacificada pela natureza da criação. O que se procura com o processo não é o resultado em termos de artefacto técnico, mas o envolvimento existencial do seu autor, enquanto duração de uma experiência que é tanto mecânica como livre (criativa) e nisso residirá a sua diferença e o poder da sua inovação. As suas mais recentes obras revelam *redes* que são afinal *teias*, denunciando uma estratégia passiva de captura (do olhar, da atenção, dos públicos). Ao *matar o tempo*, a rendeira constrói a teia da sua própria adaptação ao ambiente, construindo a sua salvação. Mas salva-se de quê? Salva-se da sua reificação de funcionária, de objeto de consumo entre consumíveis, de condenada à desumanização do estereótipo programado, do papel de ator e espectador no simulacro global. O desenho aparentemente sem intencionalidade iconográfica, resulta numa figura *táctil* (evocando a experiência da pele) mas que remete para a representação anatómica de genitais femininos — invocando vulvas.

As *redes vulvas* radialmente construídas em torno do nada (buraco), são a tentativa criativa para que deixem de ser barreiras de obscurecimento e *passem a ser médias de informação entre a autora e os outros*. O objecto, ao *tornar-se transparente para os outros*, isto é, contributo de resistência à reificação do corpo, convoca a verdade não tanto como reflexão sobre o *género*, mas como recurso solitário de sobrevivência à morte da alienação mediática. Genitálias são precisamente isso: órgãos que produzem vidas.

Francisco Providência 31.12.2012

Conceição Abreu (PT n. 1961) formou-se em Pintura na Ar.Co – Escola de Artes Visuais, Lisboa em 1998 e em 2012 concluiu o Mestrado em Arte Multimédia na FBAUL.

Das suas exposições colectivas podem-se destacar *Cabinet de Curiosités* (2002) ou *30 x 30* (2004), ambas na Galeria Diferença, Lisboa, a participação em *On Europe* (2008), Bienal Internacional, Montijo, Portugal, onde recebeu o Prémio de Aquisição em Fotografia, *Cabinet d'Amateur* (2010), na Sala do Veado, Lisboa e nas exposições *Small is Beautiful* (2010) e *Desviar do Olhar* (2012), na Galeria Caroline Pagès, Lisboa. Começou a apresentar o seu trabalho individualmente com a exposição *Por debaixo de uma cerejeira* (2002), na Clube 50, Lisboa, à qual se seguiram outras como *Jardins de Água* (2003) na Galeria Diferença, *Within* (2007) na Galeria Caroline Pagès, *Ties* (2009) na Galeria Diferença ou *Absence* (2010) na Sala do Veado, Lisboa.

A sua obra está representada nas colecções do Banco Espírito Santo, Lisboa, da Bienal do Montijo, Portugal e em colecções privadas em Portugal e em França.

Para mais informação e imagens por favor contactar a galeria.

<sup>2</sup> SOARES DE OLIVEIRA Luisa, Wthin de Conceição Abreu, in Público-Ípsilon, p.61, Setembro 21, 2007

<sup>3</sup> Idem

<sup>4</sup> Idem

<sup>5</sup> Idem

<sup>6</sup> Idem

<sup>7</sup> Idem

<sup>8</sup> PINHEIRO, Luís. O "cachecol" entrevista a Conceição Abreu, in **e-vai.net** (22 Julho, 2008).

<sup>9</sup> ABREU, Conceição. *Desenhos Tácteis* in FLEMING, Tom (Programador); VITKIENE, Virginija (Comissária). *Contextil 2012, Trienal de Arte Têxtil Contemporânea (catálogo)*. Porto, ed. Edição Ideias Emergentes – Produção Cultural, CRL, 2012.

<sup>10</sup> BADIOU, Alain. 2003. *Fifteen Thesis on Contemporary Art*. Lacanian Ink 22. in: <http://www.lacan.com/frameXXIII7.htm> em 2010.03.28.

<sup>11</sup> FLUSSER, Vilém. *Como explicar a arte* (palestra proferida na Galeria Paulo Figueiredo e transcrita por Gabriel Borba), in [www.flusserstudies.net/pag/13/flusser-explicar-a-producao.PDF](http://www.flusserstudies.net/pag/13/flusser-explicar-a-producao.PDF) (27 Dezembro 2012).